

Uma experiência de gestão cultural em espaço rural

José Barradas (*)

É sábado, a noite está fria, não fosse ainda Inverno e não estivéssemos no interior, no barrocal algarvio, Chove um pouco. São quase 22h, hora de início do espectáculo. Junto á bilheteira, onde hoje está o Ricardo a vender os ingressos, o único funcionário da Associação, com apenas 20 anos, já se encontram varias pessoas que vieram propositadamente da cidade.

Nós estamos ainda cá fora, eu e os meus restantes membros/colegas da Direcção, o Luís que é agricultor, o Sérgio o técnico de farmácia, o Miguel que é mecânico e o outro Luís. Este trabalho em rede com outras instituições/associações, locais e nacionais, tem-nos permitido regularidade e diversidade na programação, por um lado, criar hábitos culturais e fidelizar públicos, e por outro baixar custos de produção.

Com a remodelação deste espaço, que ao mesmo tempo é a sede da associação, graças aquilo que podemos definir como fazendo parte de uma política de descentralização, conseguiu-se dotar esta parte do Algarve, este território, com um equipamento que, foi perspectivado, como lugar de mediação e encontro, e que julgamos tem vindo a cumprir a sua missão. Além da biblioteca escolar onde se promove o gosto pelo livro e pela leitura em articulação com a escola primaria local, o edifício dispõe ainda de um espaço Internet e uma pequena sala polivalente, com capacidade para cerca de 150 pessoas, para espectáculos, conferencias, seminários, e exposições.

Não nos basta geri-lo, no sentido administrativo da palavra, é preciso anima-lo, usa-lo, fazer dele um pólo de actividade cultural continuada. Assim entendemos que é um espaço vivo, que esperamos, inspire um entendimento comum do lugar, que funcione como elemento unificador e ajude a forjar uma identificação e posse públicas do mesmo.

Nesta altura temos uma exposição de fotografia patente. Conseguimos promover um workshop de sonoplastia, dj e vj que deu origem a trabalhos criativos e interessantes.

Procuramos programar coisas diferentes, que os públicos tenham acesso a diferentes estéticas e linguagens. Além disso é hoje recorrente afirmar que investir na qualificação/formação dos públicos é uma prioridade das políticas culturais.

Hoje no bar está a Andreia, mediadora imobiliária, e a Orlandina, estudante universitária. Elas são da aldeia. O nosso técnico de som residente, o Ruben, é arquitecto, já fez o sound check e agora pôs musica ambiente, hoje escolheu Deolinda, este cd foi oferecido pela própria Ana Bacalhau... As nossas propostas têm passado por uma vinculação fluida, que se tem vindo a construir espacial e discursivamente com a comunidade local. Este tipo de trabalho permite-nos converter a comunidade em protagonista da significação identitária que se vai associando ao espaço. Como escreveu Antonio Pinto Ribeiro num artigo para sa OBS "É possível conceber espaços onde aconteçam as obras de culto pelas quais determinada comunidade se identifica, se reconhece e se revitaliza. Afinal é isto programar!"

A Casa está cheia hoje, nem a chuva afastou as pessoas, engraçado verificar como os públicos se cruzam, pessoas aqui da aldeia, pessoas da cidade, portugueses e estrangeiros, o local passa a global.

Ai vêm eles, o publico aplaude e eles sobem ao palco. O Cid baixa as luzes e começa o espectáculo. Qual é o espectáculo? O espectáculo de hoje é com os Virgem Suta. na Casa do Povo de Santo Estevão em Tavira.

(*) Técnico Superior de Cultura. Sócio da AGECAL